

Nascer já reservada para o casamento

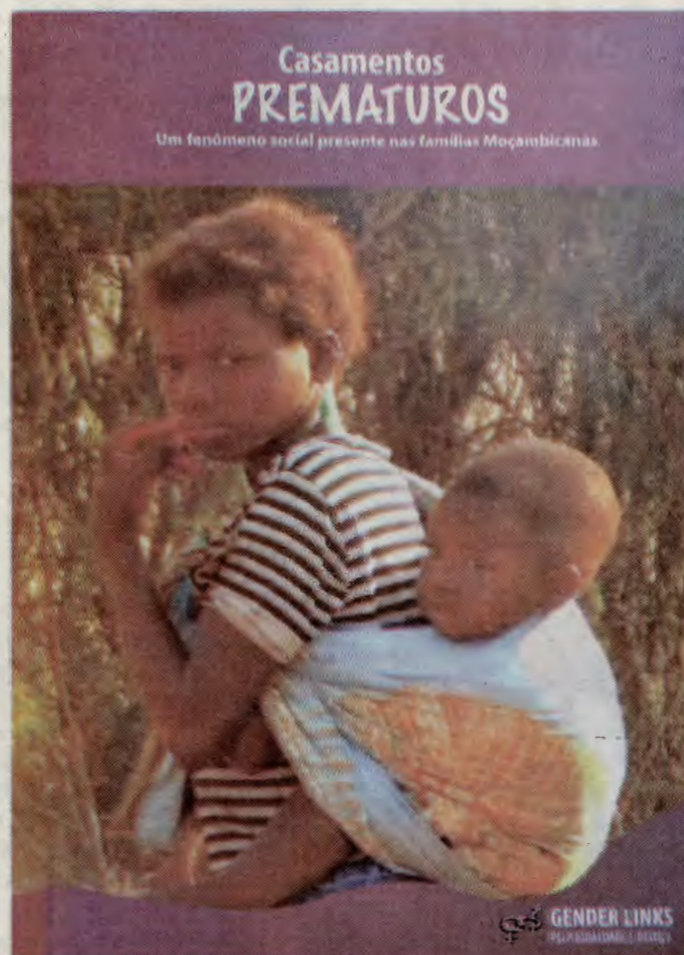
COM 110 meticais e uma capulana “reservam” uma menina para casá-la, logo depois que inicie a menstruar em algumas comunidades de Moçambique.

Esta realidade foi revelada através do livro lançado quarta-feira, em Maputo, na V Cimeira Nacional das Boas Práticas no âmbito da Implementação do Protocolo da SADC Sobre Género e Desenvolvimento Pós-2015.

Intitulado “Casamentos Prematuros. Um fenómeno social presente nas famílias Moçambicanas”, o documento traz algumas histórias de vida de experiências de uniões prematuras vividas nos distritos de Sussundenga, Vandúzi e Chimoio na província de Manica, centro de Moçambique.

Denuncia ainda práticas sociais e culturais que podem estar na origem de casamentos prematuros, neste ponto do país, tais como o “cubatira” ou “mabatiro” na língua local, que significa reserva.

Este costume, que é comum na comunidade de Mariondo, distrito de Vandúzi,



Há que salvar raparigas dos casamentos prematuros

consiste na reserva da menina para união marital futura, algo que pode ocorrer na ten-

ra idade ou ainda em formação na barriga da mãe. Após o compromisso, a criança man-

tém-se na casa dos pais até à primeira menstruação ou é entregue à família do pretendente para crescer sob os cuidados dos sogros até à fase que se considera adulta para se consumir a vida marital.

Como caso concreto, o livro traz a história de uma menina órfã de pais, que se diz ter 16 anos, mas sem prova documental, residente desta comunidade que em 2015 abandonou os estudos na 2ª classe.

No ano seguinte, foi “reservada” por um senhor que nem ela sequer o conhece. A menina só sabe que o pretendente é artesão que se dedica à produção e venda de esteiras. A negociação foi feita pela avó com quem vive e parente do senhor, mediante a entrega de 110 meticais e uma capulana.

“Por ser um valor referente a compromisso, ela (rapariga) é que usou o dinheiro enquanto a capulana foi entregue à avó. Assim que concluírem as cerimónias exigidas para o início da vida conjugal, será pago outro valor e bens que serão basicamente da avó. Deste

compromisso, a menina já não pode se desfazer desta união, mesmo que pretenda dar outro rumo à sua vida”, refere o livro.

Esta história não é singular como relata o livro. São várias as meninas que têm o futuro hipotecado por uma união decidida pelos pais ou seus representantes legais (sem se olhar para idade do pretendente ou respeitar a posição da rapariga), sob o argumento de que quanto mais cedo se leva a menina ao lar garante-se que ela case virgem, prestigiando assim a família, conforme explicou um dos membros da comunidade de Mariondo.

Para o Chefe do Estado, Filipe Nyusi, que procedeu à abertura do evento, as uniões prematuras constituem uma “grave” violação dos direitos humanos e da rapariga, o que requer a intervenção de todos os segmentos da sociedade no combate ao fenómeno.

Explicou que este fenómeno despedaça o tecido social e conseqüente desenvolvimento social e económico do país.

HISTÓRIAS DE VIDA



Moçambique tem primeira mulher comandante de aviação

PELA primeira vez, na história da aviação, Moçambique passa a contar com uma mulher comandante de aeronave comercial.

O feito pertence a Admira António que, desde Junho corrente, cometeu a proeza de passar para o comando das aeronaves do tipo Embraer 145 da MEX - Moçambique Expresso, subsidiária da LAM - Linhas Aéreas de Moçambique.

Uma nota de imprensa da LAM, companhia de bandeira nacional, a que o “Notícias Online” teve acesso, revela que o início deste facto inédito data de 2013, ano em que se iniciou a carreira da ora Comandante Admira, na MEX, onde até ao primeiro semestre do ano em curso era co-piloto, sempre de aeronaves Embraer 145.

Fruto da sua boa performance, excelente desempenho profissional, óptimas pontuações feitas pelos comandantes com os quais realizou os voos, óptimos resultados nos actos de formação e tendo contabilizado mais de 3.500 (três mil e quinhentas) horas de voo necessárias para se habilitar a concorrer para comandante, Admira António acabou tendo um parecer favorável para comandante.

do, “deu ainda consistência a então possibilidade de uma mulher moçambicana ter o comando de aeronave, isto é: sentar-se do lado esquerdo da aeronave, durante o voo e ser a principal responsável pelas decisões”.

O percurso de Admira António até chegar a comandante de avião iniciou em 2011 quando, às expensas dos pais, frequentou o curso de aviação na Lanseria Flight Centre, da África do Sul, onde fez as primeiras 35 horas de voo.

Em 2012, integrou o grupo de Cadetes da MEX - Moçambique Expresso que participou no curso para Pilotos Particulares de Aeroplanos, tendo nessa ocasião somado mais 26 horas de voos. Ainda em 2012 e de novo com os pais a investirem na formação da filha, Admira aumentou as suas horas de voos antes de se juntar novamente aos cadetes da MEX que foram à formação na South African Flight Training Academy, da África do Sul, que permitiu obter a licença de Piloto Comercial de Aeroplano.

Em Janeiro de 2013, foi à França fazer a especialização “Type Rating” para pilotar as aeronaves do tipo Embraer 145, na quali-

Rever normas sociais e cultura do silêncio

PARA a Primeira-dama, Isaura Nyusi, é altura de Moçambique começar a

os riscos de mortalidade materno-infantil”, observou.

Rever normas sociais e cultura do silêncio



Primeira-dama, Isaura Nyusi, sugere a revisão de normas sociais

Valorizar boas práticas

DURANTE a V Cimeira, que decorreu sob o lema: 50/50 até 2030: Empodere a mulher e acabe com a Violência Baseada no Género e Casamentos Prematuros”, foram partilhadas boas práticas de implementação de questões de género no governo local.

A ideia, segundo Alice Banze, directora executiva da Gender Links, instituição que se juntou ao Gabinete da Esposa do Presidente da República na organização do evento e produção do livro (traduzido nas línguas portuguesa e inglesa), é de se fazer réplica do que é positivo no empoderamento da mulher e rapariga para os diversos pontos do país.

Para a fonte, este é um momento crucial para se reassumir os compromissos firmados no âmbito do Protocolo da SADC e nos Objectivos de Desenvolvi-

mento Sustentável, no que tangue ao combate dos casamentos prematuro, violência baseada no género, tendo em conta que se está num processo de descentralização e com as eleições autárquicas agendadas para este ano.

“Temos os municípios como parceiros importantes nesta revisão. Daí que há uma relevância de trazer a todos nesta cimeira para a partilha de boas práticas de trabalho, que foram sendo implementadas na integração do género na governação local.

O momento serviu de espaço para se inteirarem sobre como, através deste protocolo e pacote de descentralização, o país pode reverter a situação de termos, em 53 municípios, apenas cinco serem liderados por mulheres e 48 por homens. Não estamos a falar de uma competição, mas das oportunidades que o próprio protocolo apresenta de haver

necessidade de se assegurar a representação de 50 por cento de mulheres e 50 por cento de homens em todos os níveis de decisão. Por isso, devemos começar por nós a trazer essa mudança”, explicou.

Na ocasião, a presidente do Fórum Mulher, Vera Cruz, fez perceber que, desde que Moçambique ratificou o protocolo, as acções do Governo na componente de género têm mostrado sinais significativos. Destacou a inclusão das metas do protocolo no Plano Quinquenal do Governo e Plano de Avanço da Mulher, o que se traduziu na despenalização do aborto, aprovação da estratégia de combate aos casamentos prematuros e a aprovação da lei de protecção da maternidade no sector público, entre outras acções, com impacto na promoção da igualdade de género.

PARA a Primeira-dama, Isaura Nyusi, é altura de Moçambique começar a rever algumas normas sociais e a cultura do silêncio, para que os instrumentos aprovados e adoptados pelo Estado, tais como o Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento, sejam efectivos na protecção das vítimas.

Explicou que, na maioria das vezes, os casamentos prematuros são motivados por factores socioculturais e económicos e representam uma grave violação dos direitos humanos, pois impedem o desenvolvimento do país.

“Muitas dessas uniões têm sido formalizadas e até forçadas pelos familiares das raparigas, sendo também um dos factores que influencia a ocorrência da gravidez precoce. Com o casamento e a gravidez precoce, a rapariga abandona os estudos e aumentam-se

os riscos de mortalidade materno-infantil”, observou.

Fez saber que várias acções têm sido levadas a cabo por entidades governamentais, privadas, sociedade civil, incluindo o Gabinete que dirige, para o combate a este fenómeno, o que tem resultado na redução de casos de casamentos prematuros. Entretanto, reconheceu que, apesar dos avanços conseguidos, ainda há muitos desafios para a eliminação destas práticas. Mostrou disponibilidade de tudo fazer para combater este mal social.

“Reitero o meu compromisso de continuar a redobrar esforços para a eliminação de todas as práticas nocivas que concorrem para o aumento das desigualdades, injustiças e violação dos direitos humanos, em especial da mulher e da rapariga”.



te Admira, na MEX, onde até ao primeiro semestre do ano em curso era co-piloto, sempre de aeronaves Embraer 145.

Fruto da sua boa performance, excelente desempenho profissional, óptimas pontuações feitas pelos comandantes com os quais realizou os voos, óptimos resultados nos actos de formação e tendo contabilizado mais de 3.500 (três mil e quinhentas) horas de voo necessárias para se habilitar a concorrer para comandante, Admira António acabou tendo um parecer favorável para comandante.

Este desempenho, refere o comunica-

tos Particulares de Aeroplanos, tendo nessa ocasião somado mais 26 horas de voos. Ainda em 2012 e de novo com os pais a investirem na formação da filha, Admira aumentou as suas horas de voos antes de se juntar novamente aos cadetes da MEX que foram à formação na South African Flight Training Academy, da África do Sul, que permitiu obter a licença de Piloto Comercial de Aeroplano.

Em Janeiro de 2013, foi à França fazer a especialização “Type Rating” para pilotar as aeronaves do tipo Embraer 145, na qualidade de co-piloto.

DICAS SOBRE SAÚDE

DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Sintomas, causas e tratamento



Depressão pós-parto pode afectar a capacidade de cuidar do bebé

A DEPRESSÃO pós-parto é um transtorno de humor que pode afectar as mulheres após o parto, sendo resultado de uma complexidade de factores, entre físicos e emocionais.

Entre as causas físicas se destaca a queda drástica no nível de estrogénio e progesterona, hormonas presentes no corpo da mulher. Por outro lado, a redução dos níveis da tiroide deixam a mãe cansada, lenta e deprimida.

A privação de sono, a grande demanda de energia e de horas para cuidar do bebé, nos primeiros dias da maternidade, pode afectar a capacidade da mulher para resolver as pequenas tarefas do quotidiano.

A mulher pode ainda se sentir menos atraente, lutar com o seu senso de identidade ou sentir que perdeu o controlo sobre sua vida. Qualquer uma dessas questões pode contribuir para a depressão pós-parto.

Em mães que manifestam sinais de depressão pós-parto, os sentimentos de tristeza, ansiedade e exaustão tendem a ser exacerbados, o que é susceptível de interferir na capacidade de cuidar de si mesma ou do

recém-nascido.

Outros sintomas incluem mudanças de humor severas, choro excessivo, fadiga abrupta ou perda de energia, sentimentos de inutilidade, ataques de pânico e pensamentos recorrentes de morte ou suicídio. Em casos raros, um distúrbio de humor extremo, chamado psicose pós-parto, também pode se desenvolver após a gestação.

A consulta a um psicólogo é indispensável, se os sinais e sintomas da depressão se manifestaram por um período superior a duas semanas após o nascimento do bebé; se a mãe estiver com dificuldade de cuidar do bebé, e se for confrontada com pensamentos de prejudicar a si mesmo ou ao recém-nascido.

A Escala de Depressão Pós-parto de Edimburgo (EPDS), que consiste numa auto-avaliação de 10 perguntas, é uma das maneiras de identificar os pacientes em risco de contrair depressão pós-parto e que por isso necessitam de acompanhamento clínico.

Fonte: MaioClinic/www.vittude.com/blog